

TABUS LINGUÍSTICOS E A PRAGMÁTICA DE LIBRAS: AVANÇOS E DESAFIOS NA SOCIOLINGUÍSTICA DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA

*LINGUISTIC TABOOS AND THE PRAGMATICS OF LIBRAS: ADVANCES AND
CHALLENGES IN THE SOCIOLINGUISTICS OF BRAZILIAN SIGN LANGUAGE*

Neemias Gomes Santana

Universidade de Brasília

miasunb@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0007-2513-0337>

Gláucio Castro Júnior

Universidade de Brasília

librasunb@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3002-5308>

Daniela Prometi

Universidade de Brasília

danielaprometi@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0133-075X>

RESUMO: Este artigo destaca a relevância de compreender os mecanismos linguísticos envolvidos na Língua Portuguesa e na Língua de Sinais Brasileira (Libras), com foco nas implicações Sociolinguísticas e na inclusão da pessoa Surda. A partir de uma abordagem qualitativo-interpretativista, analisa-se como ocorre os termos tabu, considerando fatores sociais, discursivos, emocionais e identitários. A pesquisa evidencia que a tradução desses termos, muitas vezes estigmatizados, é essencial para fortalecer a expressividade e a representatividade cultural da Comunidade Surda. Além disso, ressalta-se que a construção de um vocabulário mais completo e inclusivo em Libras depende da incorporação crítica desses elementos no ensino da língua. O estudo defende que a superação de tabus linguísticos contribui para práticas linguísticas mais realistas e respeitadas, promovendo a inclusão e o diálogo entre diferentes comunidades linguísticas. A complexidade dessa questão, aliada à escassez de pesquisas linguísticas sobre o uso de termos tabus na Libras, destaca a necessidade urgente de investigações mais aprofundadas e específicas que explorem as dinâmicas Sociolinguísticas envolvidas. Este estudo propõe, assim, um avanço nas discussões sobre a pragmática de Libras, sugerindo que a língua de sinais seja mapeada de maneira mais abrangente e crítica, especialmente no que tange aos termos tabu e à sua relação com o contexto sociocultural da comunidade Surda. Conclui-se que é urgente ampliar as investigações sobre as interfaces Sociolinguísticas entre a Libras e o Português.

Palavras-chave: Libras; Língua Portuguesa; Surdos; Sociolinguística; Tabus linguístico.

ABSTRACT: This article highlights the importance of understanding the linguistic mechanisms involved in the Portuguese Language and Brazilian Sign Language (Libras), with a focus on sociolinguistic implications and the inclusion of Deaf people. From a qualitative-interpretivist approach, the study analyzes how taboo terms operate, considering social, discursive, emotional, and identity-related factors. The findings indicate

that the translation of these often stigmatized terms is essential to strengthening the expressiveness and cultural representativeness of the Deaf Community. In addition, the study emphasizes that the development of a more comprehensive and inclusive vocabulary in Libras depends on the critical incorporation of such elements in language teaching. It argues that overcoming linguistic taboos contributes to more realistic and respectful linguistic practices, fostering inclusion and dialogue among different linguistic communities. The complexity of this issue, combined with the scarcity of linguistic research on the use of taboo terms in Libras, highlights the urgent need for deeper and more specific investigations into the sociolinguistic dynamics involved. Accordingly, this study advances discussions on the pragmatics of Libras, suggesting that sign language be mapped in a more comprehensive and critical manner, particularly with regard to taboo terms and their relationship with the sociocultural context of the Deaf community. It concludes that expanding research on the sociolinguistic interfaces between Libras and Portuguese is urgent.

Keywords: Libras; Portuguese Language; Deaf people; Sociolinguistics; Linguistic taboos.

INTRODUÇÃO

A Língua de Sinais Brasileira (Libras) tem um papel importante na inclusão e na comunicação de pessoas Surdas, sendo uma língua rica e única em sua estrutura e expressões culturais. No entanto, ao estudar os processos linguísticos envolvidos entre a Língua Portuguesa e a Libras, é possível perceber que, embora ambas compartilhem o mesmo contexto social, elas possuem características distintas que afetam sua tradução e entendimento. Esse fenômeno linguístico exige que a Libras seja compreendida como uma língua autônoma com suas próprias regras e especificidades.

De acordo com a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), a Língua Portuguesa é usada como língua primeira e oficial em Portugal e no Brasil. Em Portugal é considerado oficial também o Mirandês. No Brasil há cerca de 180 línguas indígenas minoritárias, além da Libras.

Nesse contexto, torna-se pertinente apresentar uma visão panorâmica da diversidade linguística existente nos países que compõem a CPLP. Para além do português, cada Estado-membro é marcado pela convivência de múltiplas línguas nacionais, regionais e étnicas, incluindo crioulos e línguas africanas de diferentes troncos linguísticos, o que evidencia a complexidade sociolinguística do espaço lusófono. O quadro a seguir sistematiza as principais línguas utilizadas em cada país da CPLP, permitindo compreender a pluralidade linguística que atravessa o bloco e reforçando a necessidade de políticas linguísticas sensíveis a esses contextos multilíngues.

Quadro 1 - Principais línguas usadas na CPLP

Países	Línguas
Portugal	Português e Mirandês
Brasil	Português e 180 línguas minoritárias aborígenes
Angola	Português, Umbundo, Quimbundo, Quicongo, Tshócue, Ganguela, Cuanhama e dezenas de outras línguas africanas
Cabo Verde	Português e Crioulo Cabo-verdiano
Guiné-Bissau	Português, Crioulo da Guiné-Bissau e outras línguas africanas
Guiné Equatorial	Espanhol, Francês, Português e línguas africanas
Moçambique	Português e dezenas de línguas de origem banto
São Tomé e Príncipe	Português, crioulos portugueses como o Forro, o Angolar, Principense e Crioulo Cabo-verdiano
Timor-Leste	Tétum, Português, Ataurense, Aiqueno, Becais, Búnaque, Cauaimina, Fataluco, Galóli, Habo, Idalaca, Lovaia, Macalero, Macassai, Mambai, Quémaque e Tocodede

Fonte: Comunidade de Países de Língua Portuguesa, 2021.

A metodologia de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa encontra-se intimamente articulada à **economia sociolinguística** da comunidade em que essa língua é utilizada, uma vez que as práticas linguísticas dos falantes são condicionadas por fatores sociais, culturais, históricos e interacionais. Como demonstram os estudos clássicos da Sociolinguística, a língua não é um sistema homogêneo, mas um conjunto de variedades em uso, regulado por normas sociais e contextuais (Labov, 1972; Hymes, 1974; Gumperz, 1982). Nessa perspectiva, torna-se relevante mobilizar o conceito de **recursos comunicativos**, conforme proposto por Bortoni-Ricardo (2005), para quem aprender uma língua significa apropriar-se de um repertório de recursos que permitem ao sujeito agir linguisticamente em diferentes situações sociais. Esses recursos incluem, por exemplo, a capacidade de alternar entre variedades linguísticas formais e informais, o domínio de registros adequados a contextos institucionais (como a escola) e cotidianos, o uso de estratégias discursivas como a argumentação, a narração e a explicação, bem como o reconhecimento de marcas identitárias associadas à pronúncia, ao léxico e à escolha de construções sintáticas. Assim, o processo de aprendizagem da Língua Portuguesa não se reduz à internalização de regras gramaticais, mas envolve o desenvolvimento progressivo da competência sociolinguística, isto é, do saber usar a língua de modo adequado, eficaz e socialmente significativo nos diferentes contextos de interação.

Para o ensino eficaz da Língua Portuguesa na contemporaneidade, a autora considera três parâmetros essenciais que podem tanto facilitar quanto dificultar esse processo: (a) o grau de dependência contextual no evento de fala, ou seja, a medida em que o contexto influencia o significado e a compreensão; (b) o grau de complexidade do tema abordado, que pode exigir diferentes níveis de habilidades linguísticas para uma comunicação eficaz; e (c) a familiaridade com a tarefa comunicativa, que diz respeito ao nível de conhecimento prévio e à experiência do aluno com as

situações de comunicação propostas (Bortoni-Ricardo, 2021).

Esses parâmetros são fundamentais para uma abordagem pedagógica que considere as particularidades socioculturais e as necessidades específicas dos aprendizes, promovendo uma aprendizagem mais significativa e contextualizada. No caso das pessoas Surdas, a abordagem precisa ir além da simples adaptação dos métodos de ensino, sendo necessário integrar os desafios linguísticos e culturais que caracterizam a comunidade Surda. A Língua Portuguesa escrita representa, para muitos Surdos, um segundo idioma, sendo fundamental o reconhecimento de que eles já possuem a Libras que possui suas próprias regras e estrutura, distintas da língua oral. Isso implica a necessidade de uma pedagogia bilíngue, que contemple tanto a Libras quanto o Português escrito, de modo que as pessoas Surdas possam transitar entre essas línguas com fluência e compreensão. Nesse sentido, os parâmetros mencionados — grau de dependência contextual no evento de fala, complexidade do tema abordado e familiaridade com a tarefa comunicativa — são particularmente importantes. No caso dos Surdos, o grau de dependência contextual é crucial, já que a comunicação muitas vezes depende de contextos mais visuais e interativos.

Segundo Augras (1989), o nome “tabu” foi atribuído pelo navegador inglês James Cook (1728-1779) que, em um relato de viagem à Oceania, registrou o comportamento chamado *Tapu* dos nativos das ilhas Tonga, cuja expressão era empregada para referir-se ao que era sagrado e proibido, ao mesmo tempo. A autora ainda assinala que *Tapu* — que se tornou posteriormente *taboo* em língua inglesa — não designava apenas o aspecto sagrado daquilo a que referia, mas, outrossim, aos dispositivos criados para lidar com esses itens.

O tabu linguístico pode ser considerado um recurso comunicativo, especialmente em contextos sociolinguísticos. Embora os tabus sejam frequentemente associados a temas considerados proibidos ou inapropriados para discussão aberta em uma sociedade, eles também desempenham um papel importante na forma como as comunidades estabelecem normas de comportamento, identidade e valores. Como recurso comunicativo, os tabus podem ser usados para afirmar ou desafiar convenções sociais, proteger certas informações ou expressar sentimentos e atitudes de maneira indireta.

No contexto da Libras, por exemplo, os tabus linguísticos podem funcionar como uma forma de delimitar o que é considerado culturalmente aceitável ou não, ao mesmo tempo que revelam as relações de poder e identidade dentro da comunidade Surda. O uso de sinais que envolvem tabus pode ajudar a reforçar a coesão social entre os membros da comunidade, enquanto também pode ser uma maneira de resistir ou contestar normas culturais dominantes, especialmente quando esses termos tabu são utilizados de forma estratégica para marcar pertencimento ou para se posicionar politicamente. Dessa forma, o tabu, longe de ser um simples bloqueio à comunicação, é um mecanismo que pode organizar a interação e a troca de significados dentro de um determinado grupo social.

Os tabus linguísticos presentes em Libras, assim como em outras línguas, estão intrinsecamente ligados aos aspectos sociais, culturais e emocionais de uma comunidade. Na interação entre a Língua Portuguesa e a Libras, é possível observar como certos temas sensíveis, como sexualidade,

saúde e identidade de gênero, são tratados de maneira distinta nas duas línguas devido a diferentes normas sociais e valores culturais entre seus falantes.

A Sociolinguística, ao investigar essas questões, permite que compreendamos como os tabus se manifestam nas duas línguas e influenciam a comunicação entre as comunidades de ouvintes e Surdos. Considerando esses aspectos, é possível promover uma educação mais inclusiva, que valorize a cultura e a língua da comunidade Surda e enfrente preconceitos e tabus em Libras.

Analisar os tabus linguísticos na Libras oferece uma perspectiva científica sobre como questões de poder, identidade e normas culturais moldam a comunicação entre Surdos e não-surdos. Esta análise não apenas revela as dinâmicas de poder e as estratégias de enfrentamento adotadas pelos usuários da Libras, mas também destaca a necessidade de uma educação linguística crítica, que permita uma discussão mais aberta e inclusiva desses temas.

A abordagem crítica da Sociolinguística (Fairclough, 1989), é essencial para compreender como esses tabus são construídos e perpetuados, e como podem ser desconstruídos para promover uma comunicação mais eficaz e inclusiva. Essa análise contribui para a formação docente e para a construção de práticas pedagógicas que respeitem e valorizem a diversidade cultural e linguística dos Surdos, favorecendo um ambiente educacional mais equitativo e acessível.

Pode-se perceber então uma relação entre esse fenômeno linguístico e o crescente uso de unidades lexicais que antes eram consideradas tabus ou proibidas, agora incorporadas em diversos meios de comunicação.

O aumento da visibilidade dessas unidades lexicais em diferentes contextos midiáticos e culturais pode ser interpretado como um reflexo de uma maior abertura para discutir temas que anteriormente eram marginalizados. Essa evolução demonstra como a linguagem e seus tabus estão em constante transformação, influenciados por mudanças culturais e sociais. O estudo dessas dinâmicas é crucial para compreender como os tabus linguísticos são desafiados e reinterpretados, e como essas mudanças impactam a comunicação e a interação social, especialmente no contexto da Libras e de outras línguas de sinais.

O tabu linguístico é decorrente das sanções, restrições e escrúpulos sociais; atua na não permissão ou na interdição de se pronunciar ou dizer certos itens lexicais aos quais se atribui algum poder e que, se violados, poderão trazer perseguições e castigos para quem os emprega. E, por estar em si também o impulso por ultrapassá-los, o homem reverte as imposições e usa os palavrões e outras construções lexicais como forma de expressão de seus sentimentos e meio de subversão das proibições. De acordo com Vaneigem (2004, p. 32), “a proibição incita à transgressão. O que é recalcado suscita o furor da catarse e as astúcias do ressentimento”.

O uso desse vocabulário, entretanto, provoca duas reações opostas na sociedade: de um lado, críticas por desafiar os padrões linguísticos estabelecidos e influenciados pela religião; de outro, desperta curiosidade, pois qualquer transgressão das normas sociais vigentes costuma gerar surpresa.

Por vezes, um preconceito linguístico é projetado nos falantes de Libras. As pessoas possuem um olhar exótico e romantizado que subestima a capacidade de pessoas Surdas utilizarem em seu

vocabulário pessoal, palavrões e/ou termos que são considerados tabus na Língua Portuguesa. Muitos sequer imaginam que tais termos ou expressões equivalentes existam na Libras, o que evidencia o etnocentrismo e as práticas logofonocêntricas¹ que a sociedade não-surda alimenta, ainda que inconscientemente.

De acordo com Orsi (2011), no universo da comunicação, tanto as lexias erótico-obsenas quanto os palavrões residem no campo das expressões tabus, ou seja, termos tidos como inadequados em algumas situações formais. Apesar disso, em contextos informais, como entre amigos ou familiares, seu uso pode ser estratégico para gerar intimidade ou humor. Tartamella (2006), aborda que os palavrões assumem a forma de "projéteis verbais", disparados com força para causar impacto no ouvinte (receptor). Essa característica os aproxima das lexias erótico-obsenas, que também podem ser utilizadas para insultar, menosprezar ou expressar emoções intensas.

Assim como ocorre entre falantes do português, os sinalizantes de Libras, utilizam lexias específicas, a fim de produzir os mesmos efeitos discursivos entre seus interlocutores. Esse aspecto da linguagem envolve a manifestação de avaliações, emoções, opiniões e posturas do indivíduo no que se refere ao conteúdo do discurso. Por meio da escolha de palavras, estruturas gramaticais, entonação e outros recursos linguísticos, a interessoalidade linguística permite que os falantes expressem seu envolvimento subjetivo com o que estão comunicando, além de estabelecer relações de poder, a construção de identidades sociais e o gerenciamento de interações comunicativas.

Apesar do crescente número de pesquisas sobre a Libras, ainda existem muitas áreas que necessitam de investigação, incluindo a Sociolinguística educacional e as políticas linguísticas que a envolvem. É fundamental discutir e aprofundar mais essas questões. Conforme apontam Neigrames e Timbane (2018, p. 142-143), "a Política Linguística brasileira ainda tem agido pouco em prol da expansão e divulgação da Libras". Isso é evidente até mesmo nos programas de pós-graduação que se dedicam ao estudo de grupos minoritários e subalternizados, mas frequentemente negligenciam os Surdos e as línguas de sinais em suas ementas e bibliografias.

A interculturalidade, conforme define Candau (2003, p. 5), orienta processos que reconhecem e respeitam as diferenças culturais, lutando contra todas as formas de discriminação e desigualdade social. Seu propósito é promover relações dialogais e igualitárias entre indivíduos e grupos de diferentes contextos culturais, abordando e gerenciando os conflitos que surgem dessas interações.

Nesse contexto, os tabus linguísticos muitas vezes, envolvem aspectos sensíveis e temas tabus são abordados de maneira distinta na comunicação Surda, refletindo uma forma específica de lidar com questões que, na comunidade ouvinte, podem ser evitadas ou silenciadas. A discussão sobre esses tabus é essencial para entender como as dinâmicas de poder e as normas culturais moldam a comunicação e as representações culturais na comunidade surda.

1 Quanto a isso, Derrida, em *Gramatologia* (2004), questiona a tradição logofonocêntrica, que remonta a Platão. Essa concepção toma a fala como presença (o dentro, o inteligível, a essência e a verdade), e a escritura como algo inferior e subordinado à fala (o fora, o sensível, a aparência e o falso). Derrida propõe uma ruptura do conceito de escritura centrado na perspectiva do som e se opõe às concepções fonologistas em relação à produção de sentidos, revelando ainda como Saussure foi obrigado a rever seu conceito de língua a partir de suas observações dos sistemas simbólicos visuais e da própria língua de sinais.

A LINGUAGEM COMO FERRAMENTA DE EXPRESSÃO COMUNICATIVA

A linguagem, em suas diversas formas, é uma ferramenta fundamental para a expressão humana, servindo como o principal meio pelo qual articulamos pensamentos, sentimentos e identidades. Ela vai além de um simples conjunto de palavras e regras gramaticais; é um meio poderoso de comunicação e construção de significados, essencial para o desenvolvimento pessoal e social.

No contexto da Libras, a língua(gem) se expressa por meio de sinais visuais e gestuais, desempenhando o mesmo papel funcional que as línguas faladas. Para as pessoas Surdas, a língua de sinais não é apenas um meio de comunicação, mas uma forma essencial de se conectar com o mundo ao seu redor. Dessa forma, permite que os indivíduos expressem suas experiências, emoções e pensamentos de maneira rica e detalhada, refletindo suas realidades culturais e sociais. Segue daí que a estrutura de uma sociedade é constituída pelos usos que os falantes fazem da(s) língua(s) que implementam suas relações sociais. Portanto, a Sociolinguística concebe a linguagem (e as línguas empregadas pelos indivíduos) como base das sociedades. Essa é uma síntese muito feliz da antropologia cognitiva proposta pelo linguista americano Ward Goodenough (1965).

A linguagem é uma ferramenta essencial de expressão, que molda e é moldada por nossa experiência e percepção do mundo. Seja por meio da fala, da escrita ou da língua de sinais, ela desempenha um papel crucial na formação das identidades, na transmissão de ideias e na construção de uma sociedade inclusiva e diversificada. O ser humano se distingue pela capacidade de utilizar a linguagem para articular seus pensamentos e emoções, criando um rico universo de comunicação. No entanto, essa liberdade de expressão nem sempre é plena, pois enfrenta limites impostos por preconceitos e tabus, especialmente em temas relacionados à sexualidade.

Como aponta Pereira Júnior (2006), o sexo e seus desdobramentos permeiam o discurso cotidiano, frequentemente carregados de julgamentos e reflexos das visões sobre a sexualidade. Essa censura vocabular cria um campo fértil para a análise da relação entre a língua e o falante (sinalizante), permitindo uma exploração sociológica das complexas nuances da comunicação visual-espacial.

Estudar essa linguagem proibida, envolta em tabus, contribui para: compreender como a sociedade constrói significados em torno da sexualidade, moldando a forma como os surdos sinalizam e pensam sobre o tema; desvendar os mecanismos linguísticos que sustentam preconceitos e discriminações, abrindo caminho para a construção de uma comunicação mais justa e inclusiva; e iluminar as relações de poder presentes na linguagem, revelando como tabus são usados para silenciar e controlar minorias.

Do ponto de vista estritamente linguístico, não existem tabus; todas as palavras e expressões, independentemente de suas conotações ou cargas sociais, são ferramentas válidas para a comunicação. No entanto, a Sociolinguística, que estuda a relação entre língua e sociedade, reconhece que certos termos tabu podem refletir informalidade, como já discutido. Como pesquisadores da linguagem humana, apoiamos um movimento cultural que enfrenta o medo do desconhecido e o preconceito, promovendo um uso consciente e apropriado da linguagem em diferentes contextos.

Tabus linguísticos são palavras ou expressões consideradas socialmente inaceitáveis em determinados contextos, geralmente por razões morais, religiosas ou culturais. Entre as funções dos tabus, podemos citar: a manutenção da ordem social, ao limitar o discurso e impor normas de comportamento; a proteção de grupos minoritários, evitando ofensas e discriminações; e a expressão cultural, que reflete os valores e crenças de uma comunidade.

Por outro lado, a limitação do uso desses termos tabu pode levar à estigmatização e marginalização de grupos, perpetuar desigualdades, impedir o diálogo aberto sobre temas importantes e restringir a criatividade linguística e a capacidade de autoexpressão ao cercear a liberdade de expressão.

Neste campo teórico, destaca-se que as tensões entre grupos culturais distintos não podem ser ignoradas. As relações são marcadas por conflitos, com sentidos complexos que emergem dos sistemas a que cada indivíduo está inserido (Massuti, 2007, p. 160).

A Comunidade Surda é (re)conhecida no Brasil como uma minoria linguística. Isso nos leva a explorar desdobramentos epistemológicos ao investigarmos os fenômenos histórico-ideológicos das práticas discursivas, que se manifestam a partir de uma língua de modalidade visual-espacial e são utilizadas por seus membros em movimentos de luta e reivindicação.

É nesse movimento, potencializado pela Comunidade Surda, que seus membros, especialmente os Surdos, se reconhecem na diferença, e não na deficiência. A diferença entre Surdos e não-surdos surge, entre outros fatores, da comunicação visual estabelecida pelos surdos por meio de uma língua visual-espacial, que é um fator principal na definição da diferença cultural entre esses dois grupos.

Nesse contexto, Pereira (2013) destaca que a relação entre língua, identidade e cultura tem sido estudada há muito tempo por antropólogos, linguistas, historiadores e, mais recentemente, analistas críticos do discurso. Pereira enfatiza a necessidade de refletir sobre as diferenças lexicais e discutir a alteridade ao abordar esses temas em nossas pesquisas.

Como linguistas, nosso interesse está em analisar especificamente quais recursos gramaticais e sociais são empregados em cada projeto para nomear e definir a língua e, consequentemente, seus usuários. Além disso, buscamos entender os objetivos das escolhas gramaticais realizadas, identificando as ideologias por trás de cada projeto e os conflitos de poder envolvidos nesses discursos (Van Dijk, 2008).

O sujeito é moldado pelo que os contextos discursivos permitem, de modo que são os discursos que traduzem os sujeitos a partir do uso social da língua. O gerenciamento dessas relações sociais e os processos de subjetivação nos discursos atuam diretamente na produção de sentidos e nas relações de poder, que podem incluir ou excluir os protagonistas desses discursos.

Segundo Fairclough (2001), a mudança discursiva está diretamente relacionada à mudança social, uma vez que o discurso é tanto um reflexo quanto um agente de transformação nas sociedades contemporâneas. Por meio da análise das três dimensões do discurso, a Análise Crítica do Discurso, segundo a proposta analítica de Fairclough (2001), busca entender como o discurso pode contribuir para a mudança social, seja por meio da resistência e da contestação dos poderes exis-

tentes ou por meio da reprodução e da legitimação desses poderes.

Na transmissão da cultura entre gerações, os preconceitos se infiltram como sementes adormecidas. As ideias passadas de pai para filho, muitas vezes sem espaço para questionamentos ou reflexões, se internalizam na mente do indivíduo, tornando-se parte de sua identidade. Assim, conjuntos de opiniões e atitudes se fixam na mente do indivíduo, moldando sua visão de mundo e influenciando suas ações. São os preconceitos, frutos da socialização, que podem aprisionar o indivíduo em uma teia de intolerância e discriminação.

PALAVRÕES, VOCABULÁRIOS E CULTURA SURDA

Palavrões, vocabulários e Cultura Surda se articulam de maneira complexa e reveladora. Na Cultura Surda, assim como em qualquer outra, o léxico inclui uma gama de expressões que vão desde termos neutros até palavrões, que podem carregar significados profundos e variados. Esses palavrões, quando usados na Libras, muitas vezes refletem a adaptação cultural e a forma como a Comunidade Surda lida com questões de tabu e expressão emocional.

O uso de palavrões na Libras pode servir como uma forma de resistência e afirmação cultural, desafiando estigmas e normas sociais estabelecidas. Além disso, a inclusão e o uso desses termos no vocabulário pelo Surdo destacam a dinâmica cultural única dessa comunidade, oferecendo uma visão sobre como o poder das palavras é reinterpretado e negociado em contextos visuais e espaciais. Esse fenômeno não apenas enriquece a compreensão da diversidade linguística, mas também enfatiza a importância da análise crítica das práticas linguísticas no contexto da Cultura Surda.

De acordo com Bona (2008, p. 21), “podemos, então, definir como palavrão um item que não é aceito pelas convenções sociais, cuja utilização em público é socialmente sancionável”. Para Calvino (2009, p. 366), “nos discursos que são feitos atualmente sobre as palavras obscenas, parece-me que se esquece de uma coisa: a tradição de desprezo pelo sexo que expressões populares carregam, por isso as denominações dos órgãos sexuais são usados como insulto”.

Atualmente, há um debate presencial, que ocorrem em eventos da área, encontros informais, entre pesquisadores e estudiosos do ensino de Libras sobre a inclusão ou exclusão de unidades léxicas de caráter erótico-obseno, como palavrões, em dicionários, glossários e outros repertórios terminológicos. Desde o primeiro dicionário de Libras no Brasil, “Iconographia dos Signaes dos Surdos-mudos” (1875), até o mais recente, o DEIT-LIBRAS, produzido por Capovilla em 2017, não se encontram registros de termos considerados obscenos ou vulgares. Essa ausência levanta questões sobre o tratamento dessas lexias e a relevância de sua inclusão em recursos terminológicos destinados à Comunidade Surda.

Acreditamos que a decisão de omitir unidades lexicais erótico-obsenas ou relacionadas a tabus em dicionários, glossários ou materiais didáticos de Libras deve estar alinhada com os objetivos da obra. Em um dicionário descritivo, todas as palavras de uso frequente e amplamente reconhecido devem ser registradas, mesmo que isso desafie normas sociais ou preconceitos. Essa

perspectiva nos levou a reconsiderar a exclusão dessas expressões em materiais lexicográficos e didáticos de Libras.

Como pesquisadores da área da Linguística das Línguas de Sinais, espantamo-nos com posicionamentos que preferem que aprendizes de Libras desconheçam termos e expressões idiomáticas usados por diferentes Comunidades Surdas no Brasil. Essa exclusão contribui para uma visão falaciosa e romantizada sobre os Surdos e a Língua de Sinais, ignorando o fato de que esses termos existem e são utilizados em diversos contextos discursivos e sociolinguístico. Ao não encontrar registros desses termos em materiais de Libras, muitos aprendizes acabam acreditando que eles não fazem parte da Cultura Surda e que os Surdos não possuem ferramentas lexicais para ofensas, adjetivação, depreciação, defesa ou estigmatização em seu contexto. Isso contrasta com as unidades léxicas que os mesmos estudantes encontram frequentemente na língua portuguesa e que fazem parte da cultura contemporânea, sem grandes distinções de classe social.

No universo da linguagem obscena, observamos uma relação dinâmica entre as palavras (ou sinais) obscenos e seus usuários. Essas expressões exigem um certo distanciamento, revelando uma visão depreciativa que as posiciona em um patamar inferior em relação a outras formas de expressão.

Em muitas sociedades, a sexualidade está envolta em um manto de proibições, criando um complexo sistema de tabus que delimita e controla a forma como se fala e vive esse aspecto fundamental da vida humana. Esses tabus, enraizados em valores morais e crenças culturais, estabelecem uma dicotomia entre o permitido e o proibido, moldando a maneira como a linguagem relacionada à sexualidade é empregada.

Observamos que muitos desses tabus lexicais, são influenciados diretamente por fatores religiosos. A religião pode ter um papel significativo na formação de tabus sexuais, moldando as crenças e valores das pessoas sobre sexualidade, prazer e comportamento moral. No caso da Libras e das pessoas Surdas, muitos dos acessos a esses termos e expressões relacionadas a tabus, se dá através de produtos de tradução, uma vez de que a maioria dos textos que contém esses termos, estão em língua portuguesa falada ou escrita e nem todos os Surdos têm acesso a eles, sem a intervenção ou apoio de tradutores intérpretes de Libras.

No Brasil, na década de 1980, os primeiros trabalhos de interpretação em Língua de Sinais surgiram em instituições religiosas e nas interações familiares e de amizade com surdos, conforme destacado por Santos (2006). Dado o contexto histórico e a resistência contra práticas hegemônicas, a tradução e interpretação do português para a Libras teve início em espaços religiosos cristãos, o que levanta a questão sobre a ausência de registros, ensino e conhecimento desses termos tabus por parte de todos que se aproximam da Comunidade Surda.

Em Libras, esse fenômeno de transformação lexical ainda não é consolidado, uma vez que registros lexicográficos (dicionários, glossários, material didático) de termos tabus não existem. O que temos hoje disponível para aprendizes da língua se limitam a vídeos do Youtube, produzidos de maneira informal, amadora e sem um rigor acadêmico pautado numa educação lexicográfica.

Sabemos que os termos obscenos existem na Libras e são sinalizados por Surdos em diver-

sos contextos e interações, sejam físicas ou virtuais. Concordamos que, especialmente no caso da linguagem proibida, como os itens obscenos, as perspectivas mudaram de forma tão rápida que, como pesquisadores e falantes, devemos estar preparados para superar preconceitos e aceitar as significativas mudanças no prestígio e no uso dessas unidades lexicais na vida contemporânea e nas zonas de contato entre usuários de Libras.

Com o tempo, a visão da sociedade sobre a sexualidade tem se expandido, refletindo-se na maneira como discutimos o tema. Palavras e expressões antes consideradas tabu estão ganhando espaço nas conversas cotidianas e até mesmo na linguagem formal, em parte devido à influência crescente da mídia, que utiliza linguagem erótica em filmes e diálogos informais. O que antes era marginalizado está se tornando cada vez mais normal e reconhecido como um recurso expressivo da língua.

É importante ressaltar que a aceitação da linguagem erótica não implica na banalização da sexualidade ou na perda de valores morais. Pelo contrário, a abertura para um diálogo franco sobre o assunto permite abordar temas como consentimento, respeito e responsabilidade sexual de maneira mais abrangente e eficaz. A evolução da linguagem erótica reflete a dinâmica da língua e sua relação com as mudanças sociais. A língua é um organismo vivo que se adapta às necessidades e valores de cada época, e a aceitação da linguagem erótica é um reflexo da crescente abertura da sociedade em relação à sexualidade.

Apesar de os palavrões carregarem um estigma de inaceitabilidade em diversos contextos, em ambientes íntimos como entre amigos, familiares e casais, seu uso assume um papel diferente, marcando intimidade, familiaridade e até mesmo afeto. Entre amigos, o uso de palavrões pode funcionar como um código próprio, reforçando a cumplicidade e a confiança mútua. No contexto familiar a liberdade no uso de palavrões depende das regras e valores estabelecidos pelos pais. Em alguns casos, o uso moderado pode ser visto como sinal de cumplicidade e afeto, enquanto em outros, pode ser considerado inaceitável. O significado dos palavrões vai além do próprio termo. A intenção por trás do uso e o contexto em que são proferidos influenciam diretamente na forma como são interpretados. Segundo Tartamella (2006), em ambientes íntimos, o uso de palavrões não se configura como insulto, mas sim como um recurso para despertar a atenção do receptor e intensificar a comunicação.

É crucial analisar o contexto em que os palavrões são utilizados para compreender sua real intenção e significado. A tolerância e o respeito às diferentes formas de comunicação são essenciais para uma convivência harmoniosa em ambientes sociais. É importante estar atento às reações dos outros ao uso de palavrões e ajustar a comunicação conforme necessário. Sabemos que os palavrões são utilizados em todo o mundo – por homens, mulheres, idosos, jovens, crianças, ricos, pobres, em russo, japonês, hebraico, Libras e em todos os idiomas.

PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÕES INICIAIS

Para esta pesquisa, foram adotados procedimentos metodológicos baseados na abordagem qualitativo-interpretativista (Magalhães; Martins; Resende, 2017; Nunes, 2021), seguindo os procedimentos sugeridos pela Abordagem Sociológica Comunicacional do Discurso (ASCD) (Pedrosa, 2024; Cunha, 2021). A escolha dessa abordagem metodológica se justifica pelo seu potencial em integrar a Análise Crítica do Discurso (ACD) e a etnografia, visando compreender as práticas discursivas e sociais dentro de seus contextos históricos e culturais. A partir dessa perspectiva, entende-se que o discurso não é apenas uma sequência de palavras ou textos, mas sim uma forma de ação social que reflete e constitui as relações de poder, ideologia e identidade entre os sujeitos sociais. Portanto, a análise crítica do discurso vai além de uma simples descrição textual, incorporando os aspectos extratextuais que influenciam a produção, circulação e recepção dos discursos, como contextos sociais, culturais e institucionais.

Nesse processo, a etnografia desempenha um papel fundamental, pois permite ao pesquisador observar e participar ativamente das interações comunicativas, coletando dados multimodais e triangulares que enriquecem a análise. A investigação qualitativa, com seu foco nas perspectivas da realidade não mensuráveis, busca explorar a dinâmica das relações sociais, os sentidos atribuídos pelos indivíduos e os valores que orientam suas práticas discursivas. De acordo com Minayo (2001), a investigação qualitativa é marcada pela atenção aos significados, motivos e aspirações dos sujeitos, permitindo uma compreensão mais profunda das experiências e das práticas sociais que, muitas vezes, escapam às análises quantitativas. Ao integrar a Sociolinguística e a análise crítica do discurso, a pesquisa propõe uma leitura mais ampla das práticas de comunicação, levando em consideração as questões de poder, identidade e inclusão, fundamentais para o entendimento das relações sociais e linguísticas nas interações diárias.

Segundo Flick (2013), a pesquisa qualitativa visa compreender, descrever e explicar fenômenos sociais a partir do interior de suas práticas, utilizando diversas formas e métodos. Assim, concluímos que essa abordagem de pesquisa é aplicada por natureza, dependendo de vários fatores para orientar a investigação, uma vez que não segue um caráter formalista. A análise qualitativa é influenciada por aspectos como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que orientam a investigação. Esse processo pode ser definido como uma sequência de atividades que envolve a redução dos dados, sua categorização, interpretação e a redação do relatório (Prodanov; Freitas, 2013).

Nesta pesquisa, buscamos exclusivamente informantes Surdos adultos, uma vez que acreditamos que os participantes nativos poderiam oferecer contribuições valiosas e precisas sobre a subjetividade Surda em relação aos termos tabus discutidos. Dada a natureza potencialmente sensível e ofensiva do tema, optamos por evitar possíveis conflitos com pessoas que poderiam discordar do objeto de estudo ou se sentir desconfortáveis com ele. Todos os informantes tinham idades entre 19 e 44 anos, e participaram da pesquisa 30 Surdos (20 mulheres e 10 homens). Para garantir a ética e o sigilo das informações, foi assegurada a confidencialidade das respostas, incluindo os nomes/sinais dos participantes, permitindo que eles se sentissem à vontade para responder com sinceridade e liberdade. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário online via Google Forms,

complementado por consultas feitas via WhatsApp, com o intuito de garantir a acessibilidade e a participação dos informantes de forma confortável.

No processo de coleta de respostas, os informantes foram apresentados a um vídeo contendo termos e expressões em Libras e Língua Portuguesa, com o objetivo de explorar a variação linguística e os significados associados a esses termos dentro da comunidade Surda. A análise de variáveis Sociolinguísticas, como gênero, faixa etária e pertencimento sociocultural, possibilitou uma compreensão mais aprofundada sobre como esses fatores influenciam a percepção e o uso dos termos tabus em Libras. As perguntas subsequentes ao vídeo buscaram captar as respostas dos participantes, levando em consideração suas experiências linguísticas e identitárias. Dessa forma, a pesquisa não apenas investigou os aspectos linguísticos, mas também os contextos sociais que moldam as atitudes e reações dos Surdos diante dos tabus linguísticos e da variação linguística presente na comunicação diária.

1. Você conhece esse termo/expressão em Libras () SIM ou () NÃO?
2. É ofensiva () SIM ou () NÃO?

Tabela 1 – Lista² de termos e expressões apresentados.

1. Filh@ da puta	9. Viado/Bicha
2. Foda-se	10. Sapatão
3. Foda	11. Tomar no cu
4. Porra	12. Pau no cu
5. Puxa-saco	13. Cabeça-dura
6. Arrombad@	14. Covarde
7. Corno	15. Safad@
8. Fofoqueir@	16. Boquete

Fonte: Elaborado pelos autores.

Para a primeira indagação, "Você conhece esse termo/expressão em Libras?", todos os 30 participantes da pesquisa responderam afirmativamente. Quando foi realizada a segunda pergunta, "É ofensiva?", todos os 30 informantes optaram pela resposta "depende". Justificaram que a ofensividade de um termo ou expressão não está necessariamente vinculada ao seu significado literal, mas a fatores pragmáticos e contextuais, bem como a questões de identidade. De acordo com os informantes, a avaliação de uma expressão como ofensiva depende de diversos elementos, incluindo o momento e a situação de uso, a pessoa que a proferiu, a intenção do sinalizador, a expressão não-manual e o contexto em que o sinal é utilizado.

² Para ver estes termos em Libras acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=vfCErFMR9RQ>.

Os informantes esclareceram que a ofensividade de determinados sinais e expressões em Libras se concretiza quando estes são empregados de maneira pejorativa, especialmente quando há uma marcação explícita do quinto parâmetro fonológico da Libras (expressão não-manual), com a intenção de denegrir ou desrespeitar alguém. Como exemplo, mencionaram que os sinais para "VIADO", "SAPATÃO" e "SAFAD@" podem ser considerados ofensivos em contextos de homofobia ou misoginia. No entanto, destacaram que esses mesmos sinais podem perder a carga ofensiva quando empregados por indivíduos pertencentes a grupos historicamente marginalizados, como pessoas homossexuais ou mulheres, que ressignificam os termos de forma a subverter sua conotação pejorativa. Assim, a percepção de ofensividade está intimamente ligada à dinâmica social e ao papel desempenhado pelo interlocutor dentro do contexto comunicativo. Ao pensarmos no português brasileiro (PB) contemporâneo, como, em princípio, é o caso para qualquer língua natural, podemos encontrar a presença de expressões e estruturas linguísticas que têm a função de ofender ou causar agressão verbal. Estas são moldadas pelos valores, crenças e normas de uma sociedade, portanto, a existência desses termos são um reflexo do estado atual da sociedade brasileira (Basso, 2018; Quadros Gomes, 2022). Um termo ou expressão atualmente ofensivo pode não ter tido essa característica em tempos passados, e pode vir a perdê-la no futuro, assim como termos atualmente não ofensivos podem ganhar uma carga ofensiva futuramente.

Embora não se defenda o uso indiscriminado da linguagem erótica ou obscena, este artigo busca contribuir para o campo da linguística de Língua de Sinais ao investigar um segmento lexical, negligenciado e estigmatizado, mas que possui uma riqueza lexical e cultural considerável. Nosso objetivo é desconstruir os preconceitos que envolvem esses termos e abrir espaço para uma compreensão mais profunda e contextualizada dessa vertente da linguagem, permitindo uma apreciação mais ampla da complexidade e da pluralidade da Libras e de suas implicações sociais e culturais.

Ao explorar a linguagem erótica e os termos tabus na comunidade Surda, não só podemos avançar no campo da Sociolinguística, mas também incentivar novas investigações como a Libras se desenvolve e se transforma a partir da Língua Portuguesa. Muitos termos na Libras surgem da provocação da língua portuguesa, estimulando a criação e ampliação dos mecanismos lexicais e linguísticos na comunidade Surda. Esses termos, muitas vezes inspirados por expressões ou conceitos da língua portuguesa, são reformulados e registrados, enriquecendo o vocabulário e ampliando as formas de comunicação.

Através de um estudo crítico e reflexivo, podemos desmistificar preconceitos, promover o diálogo intercultural e celebrar a diversidade cultural e lexical que essas interações linguísticas proporcionam. A linguagem erótica, frequentemente marginalizada nos estudos linguísticos, revela um universo lexical complexo que merece uma investigação aprofundada. O estudo desses sinais não apenas enriquece o vocabulário da Libras, mas também aprimora as habilidades comunicativas, promovendo o respeito à diversidade e o intercâmbio cultural entre diferentes comunidades linguísticas e culturais.

Buscamos enfatizar a riqueza da Língua de Sinais, reconhecendo seu valor cultural e linguísti-

co. No entanto, a utilização de certas lexias, carregadas de simbolismo e potencialmente ofensivas, gera um debate complexo sobre os limites da liberdade de expressão e a necessidade de proteção social. A relação entre linguagem e censura é intrincada e exige um debate constante e ponderado. Devemos buscar um equilíbrio entre a liberdade de expressão e a proteção social, reconhecendo a importância da linguagem como ferramenta de comunicação, mas também como possível fonte de ofensa e discriminação.

No entanto, é fundamental enfatizar a necessidade de pesquisas mais aprofundadas sobre a pragmática da Libras e seus diversos contextos de uso. Adotar uma abordagem linguística mais descritiva, em vez de prescritiva, é crucial para superar visões deterministas, preconceituosas e estereotipadas sobre as pessoas surdas e a Libras. Em relação ao uso de palavrões, Preti (1984, p. 43) afirma que:

Como estudiosos da linguagem, não cabe a nós criticar esse fenômeno linguístico, que possui uma natureza sociocultural e até psicológica. Ele está presente e deve ser registrado, incluído em nossas pesquisas, investigado em suas origens e acompanhado em seu desenvolvimento (Preti, 1984, p. 43).

O ensino de termos tabu na Libras é crucial para uma compreensão mais abrangente e realista da língua e da cultura Surda. Incluir esses termos no ensino de Libras não irá apenas enriquecer o vocabulário dos aprendizes, mas também promover uma reflexão crítica sobre os tabus e preconceitos que permeiam a sociedade.

Ao abordar esses temas, é possível desmistificar e normalizar o uso de linguagem considerada ofensiva, preparando os alunos para interações mais autênticas e respeitadas com a comunidade Surda. Além disso, o ensino de tabus em Libras deve ser feito com sensibilidade e contextualização, garantindo que os aprendizes compreendam não apenas a forma, mas também o uso e o impacto desses termos em diferentes contextos. Essa abordagem contribui para uma maior inclusão e respeito pela diversidade linguística e cultural, promovendo uma comunicação mais eficaz e empática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as discussões, observamos que os fatores sociais, discursivos, emocionais e identitários desempenham um papel fundamental na forma como os sujeitos Surdos utilizam e adaptam palavrões e expressões ofensivas. A complexidade dessa questão, aliada à escassez de pesquisas linguísticas sobre o uso de termos tabus na Libras, destaca a necessidade urgente de investigações mais aprofundadas e específicas que explorem as dinâmicas Sociolinguísticas envolvidas. Este estudo propõe, assim, um avanço nas discussões sobre a pragmática de Libras, sugerindo que a língua de sinais seja mapeada de maneira mais abrangente e crítica, especialmente no que tange aos termos tabu e à sua relação com o contexto sociocultural da comunidade Surda.

Nesse sentido, a Sociolinguística tem um papel crucial no estudo dos tabus linguísticos, pois

permite entender como as variações de uso, os contextos sociais e as interações discursivas moldam as práticas linguísticas dentro das comunidades Surdas. Além disso, ao observar a evolução da Língua Portuguesa e seus avanços na inclusão e no respeito à diversidade linguística, podemos também ampliar as possibilidades para Libras, especialmente em termos de reconhecimento, regulamentação e ensino. Este artigo serve como uma provocação para que a pragmática de Libras seja mais bem compreendida e levada em consideração em pesquisas futuras, como dissertações e teses, com o objetivo de enriquecer o conhecimento sobre a língua de sinais e contribuir para uma visão mais crítica e inclusiva da comunicação Surda.

REFERÊNCIAS

- AUGRAS, Monique. *O que é tabu*. 1ª ed. São Paulo - SP: Brasiliense, 1989.
- BASSO, R. M. Palavrão é legal pra caral*o. *ROSETA*, Abralín, 2018.
- BONA, Alessio. *Il turpiloquio nel serial: approccio alla traduzione*. Milano: 2008, 54f. Tesi di laurea. (Laurea in Mediazione Linguistica e Culturale) – Università degli Studi di Milano. Disponível em: http://www.focus.it/Community/cs/blogs/vito_dixit/default.aspx. Acesso em: 20 jun. 2025.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemos na escola, e agora?* Sociolinguística & Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Português brasileiro, a língua que falamos*. Editora Contexto, 2021.
- CALVINO, Italo. *Una pietra sopra*. Milano: Mondadori, 2009.
- CANDAU, Vera. Maria. *Reinventar a escola*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- CUNHA, José. Paulo. Leite. “KD o pai dessa criança?!” *Uma abordagem sociológica e comunicacional do discurso de atores sociais pais de crianças com síndrome de Down*. 2021. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021.
- FAIRCLOUGH, N. *Language and power*. London: Longman, 1989.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UnB, 2001.
- FLICK, Uwe. *Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes*. Tradução de Magda Lopes. Porto Alegre: Penso, 2013.
- GOODENOUGH, Ward H. Yankee kinship terminology: A problem in componential analysis. *American Anthropologist*, v. 67, n. 5, p. 259-287, 1965.
- GUMPERZ, John J. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- HYMES, Dell. *Foundations in sociolinguistics: an ethnographic approach*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1974.
- LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- MAGALHÃES, Ione.; MARTINS, Ana. Raquel.; RESENDE, Viviane. de Melo. *Análise do discurso crítico*

ca: um método de pesquisa qualitativa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

MASSUTI, Mônica. *Surdos, Cultura e Sociedade*. Porto Alegre: Editora Artmed, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NEIGRAMES, Wellington Pereira; TIMBANE, Ademar Antônio. Discutindo metodologias de ensino de Libras como segunda língua no ensino superior. *Revista de Estudos Acadêmicos de Letras, Unemat*, v. 11, n. 1, jul. 2018.

NUNES, Maria Socorro Sousa. *Metodologia universitária em 3 tempos*. São Cristóvão, SE: Editora UFS, 2021.

ORSI, Vivian. Tabu e preconceito linguístico. *ReVEL*, v. 9, n. 17, 2011.

PEDROSA, Claudia Emília Faria. *Estudos críticos do discurso decoloniais do Sul do Sul: teorias e práticas com a Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso*. Volume I: teoria. Foz do Iguaçu, PR: Claec Editora, 2024.

PEREIRA JR., Luiz Carlos. Amor e ódio na mesma frase, *Revista Língua Portuguesa*, São Paulo, Segmento, especial Sexo e Linguagem, p. 6-9, 2006.

PEREIRA, Maria Regina. *Comunidades Surdas: uma introdução*. Curitiba: Editora CRV, 2013.

PRETI, Dino. *A gíria e outros temas*. São Paulo: T. A. Queiroz/USP, 1984.

PROVANOVA, Cláudia Cristina; FREITAS, Elisângela Cristina. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUADROS GOMES, A. A força do palavrão. *Divulgando Linguística - DLF da UFRJ*, 2022.

SANTOS, Simone Aparecida dos. *Intérpretes de Língua de Sinais: um estudo sobre as identidades*. 2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

TARTAMELLA, Vito. *Parolacce. Perché le diciamo, che cosa significano, quali effetti hanno*. Milano: BUR, 2006.

VAN DIJK, Teun A. *Cognição, discurso e interação*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

VANEIGEM, Raoul. *Nada é sagrado, tudo pode ser dito: reflexões sobre a liberdade de expressão*. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2004.

Submissão em: 13/07/2025

Aceite em: 29/12/2025